

THEATRO DE D. MARIA II

TERÇA FEIRA, 18 DE MAIO, FESTA ARTISTICA DE AMELIA DA SILVEIRA



Vae chegar breve a Lisboa
— Deus as traga em feliz hora —
Uma caterva bem boa
De familias lá de fóra.

Quaes enxovas de escabeche,
N'esses hoteis dos diabos,
Juntam-se os de Alcabideche,
Cantanhede e Lavarabos ;

Da Povia de Santa Iria,
Carregal e Mata-cães,
Maças de D. Maria,
Carrazeda de Anciães.

Quem quizer ver reunido
Tanto typo original,
Deve estar já prevenido
Com bilhete p'ra o Normal.

Pois que toda aquella gente
Vae — se ainda achar cadeira —
A' festa que brevemente
Faz a Amelia da Silveira.

MICHAEL BORNALDO PINHEIRO

AS SUSPENSÕES (AO «CORREIO DA MANHÃ»)



—Eis-me enfim compromettido
Em situação das mais falsas!
Tendo tudo suspenso,
Resta-me agora um partido:
—Suspender as proprias calças!...

PARA OS FESTEJOS DO CASAMENTO



Nos alfaiates:
Maré d'aguas vivas.



Nas modistas:
Praiamar pelas hervas.



Nas casas de prego:
Verdadeiro cabeça d'agua



Nos padeiros:
Casa ás moscas.

DAS CALDAS

E' no proximo dia 15 que se abre o hospital das
Caldas da Rainha.

A proposito, uma do conselheiro:



O dr. Mattos Viegas, medico na Chamusca, solici-
tou licença do conselheiro para que uma sua doente e
parenta começasse os banhos nas piscinas antes de aber-
to o hospital.

Pim recusou. Perfeitamente correcto.

Mas, dias depois, concedia essa mesma licença—de-
negada a um medico—ao primeiro amigalhote que lh'a
solicitou!

Em tudo hade ser Pim...



Em attenção aos serviços de tão conspicuo conse-
lheiro, a camara municipal das Caldas da Rainha re-
solveu substituir a denominação do *Açougue dos Bur-
ros* por *Açougue do Conselheiro*.



Miguel Osorio, ao constar-lhe tal resolução da cama-
ra das Caldas, parece que segredou ao ouvido de Fer-
nando Palha:

—Quando chegará a minha vez?...

CHRONICA

Está provado que o indígena não tem cabeça que chegue para occupar-se de dois assumptos ao mesmo tempo.

Um lhe basta e é sufficiente para preoccupal-o desde pela manhã até á noite.

Senão, veja-se:

Ha tempos que se estão dando em Lisboa e seus suburbios, acontecimentos verdadeiramente extraordinarios e o indígena passa por elles como cão por vinha vendimada, mal se dignando conceder-lhes uma vista d'olhos.

Um bebedo original manda a casa pelos ares com cartuchos de dynamite e outro não menos bebedo nem menos original atira a mesma qualidade de cartuchos no centro do povoado, como quem atira bombas de cinco réis nos festejos de Santo Antonio.

—O indígena não se importa com isso!

Um official do exercito matta um camarada na sexta feira de Paixão com a semcerimonia com que nós matamos persevejos nos outros dias do anno.

—Ninguém pensa n'isso!

Tres faccinoras cosem de facadas um engenheiro distincto com a indifferença com que nós cosemos um chouriço moiro em kilo e meio de favas.

—Ninguém falla de semelhante coisa!

A tripulação d'um navio estabelece a bordo uma succursal posthuma da Santa Inquisição, encaixotando um preto como quem encaixota laranja para mandar a Inglaterra.

—Ninguém quer saber d'isso!

* * *

A única preocupação que n'este momento abrange todo o pensamento do indígena, é o casamento de sua alteza o principe D. Carlos.

Isso sim! Fallem-lhe d'isso, escrevam-lhe d'isso, se o querem vêr entusiasmado como um inglez a quem se falla de cavallos ou como o sr. Oliveira Martins em se lhe tocando na Agricultura!

Presentemente o indígena não vê senão foguetes, não pensa senão em paradas, não deseja senão palanques, não sonha senão com coretos, não antegosta senão de luminarias!

E' uma doença, uma febre, um delirio, que acabará por levar-o a Rilhafolles, depois de o ter passciado por todas as casas de penhores.

N'este momento, o indígena o que pretende é romper o seu casulo insignificante e transformar-se, de crysalida burgueza que é, em gentil borboleta de mil cores.

Deslumbrar o estrangeiro com o aspecto vistoso d'uma coisa que não somos, eis a actual preocupação de todos nós.

Que importa lá que os oiros façam ablativo e viagem, quando ha pechesbeques tão bonitos para substituil-os?

Que a barriga se pegue ás costas pela defficiencia de comes e bebes, quando dez réis de carmim substitue nas faces a côr rosada que o meio bife devia producir?

Que as proprias camisas saiam da gaveta para o prego, quando um simples peitilho faz a festa, visto como não ha necessidade de mostrar a fralda aos estrangeiros?

Uma coisa porém ha que ainda não passou pela cabeça do indígena.

Supponhamos que o estrangeiro, naturalmente encantado com todo este aspecto de formosura, de accio, de cuidado, de riqueza e de *aplomb*, por tal forma sympathisa com tudo isto que resolve de si para consigo passar aqui o resto de seus dias ou pelo menos uma boa parte d'elles e que, n'este caso, adia por mais algum tempo do que se espera o seu regresso aos patrios lares...

Que succederá então?

O indígena, que se vestira de pessoa fina só por estes dias, como costuma mascarar-se de *ché-ché* ou de *pierrôt* só nos dias de carnaval, verá chegada a quarta feira de cinzas que lhe impõe a reivindicção dos seus habitos normaes, e ahi terá de desmascarar-se ignobilmente, com a cocote reles que hontem andou no baile vestida de rainha e hoje recebe as visitas em casa calçada de tamancos!

As luminarias apagar-se-hão á mingua do azeite de purgueira; os palanques, se os não apeaiarem—como tantas vezes succede por descuido—cairão para ahi de podres aos pedaços; os graciosos lagos transformar-se-hão em pantanos, mortos de debilidade por uma tísica de repuxo; as bandeiras e os galhardetes serão arriados ou transformar-se-hão em rodilhas da chaminé: as frontarias caiadas de fresco tornarão a adquirir a crosta de todos os tempos; e a fresca relva, provisoriamente expatriada, receberá indulto plenario, voltando por essas ruas a occupar o logar que lhe compete no seio das pedras suas concidadãs!

Em chegando esse dia, que não vem longe, o estrangeiro retirará então profundamente desapontado e com a impressão de que esta terra, tão formosa e tão distincta—quando lhe deitava foguetes—não vale muito mais de que esses mesmos foguetes, cujo brilhantismo deslumbra por momentos, para logo se esconder na mais profunda das escuridões...

* * *

Diz o *Diario de Noticias* que para o pessoal da toirada de fidalgos em honra dos principes não ha por emquanto senão o cavalleiro Tinoco e os bandarilhceiros Robertos, Minuto, Peixinho e Calabaça.

Com este pessoal parece-nos que já se pode organizar uma toirada de fidalgos muito rasoavel, para o que bastará agraciá-los com titulos de viscondes e barões todos aquelles artistas de profissão, visto que é muito mais facil encontrar toireiros que consintam em ser fidalgos de que arranjar fidalgos que se prestem a ser toireiros.

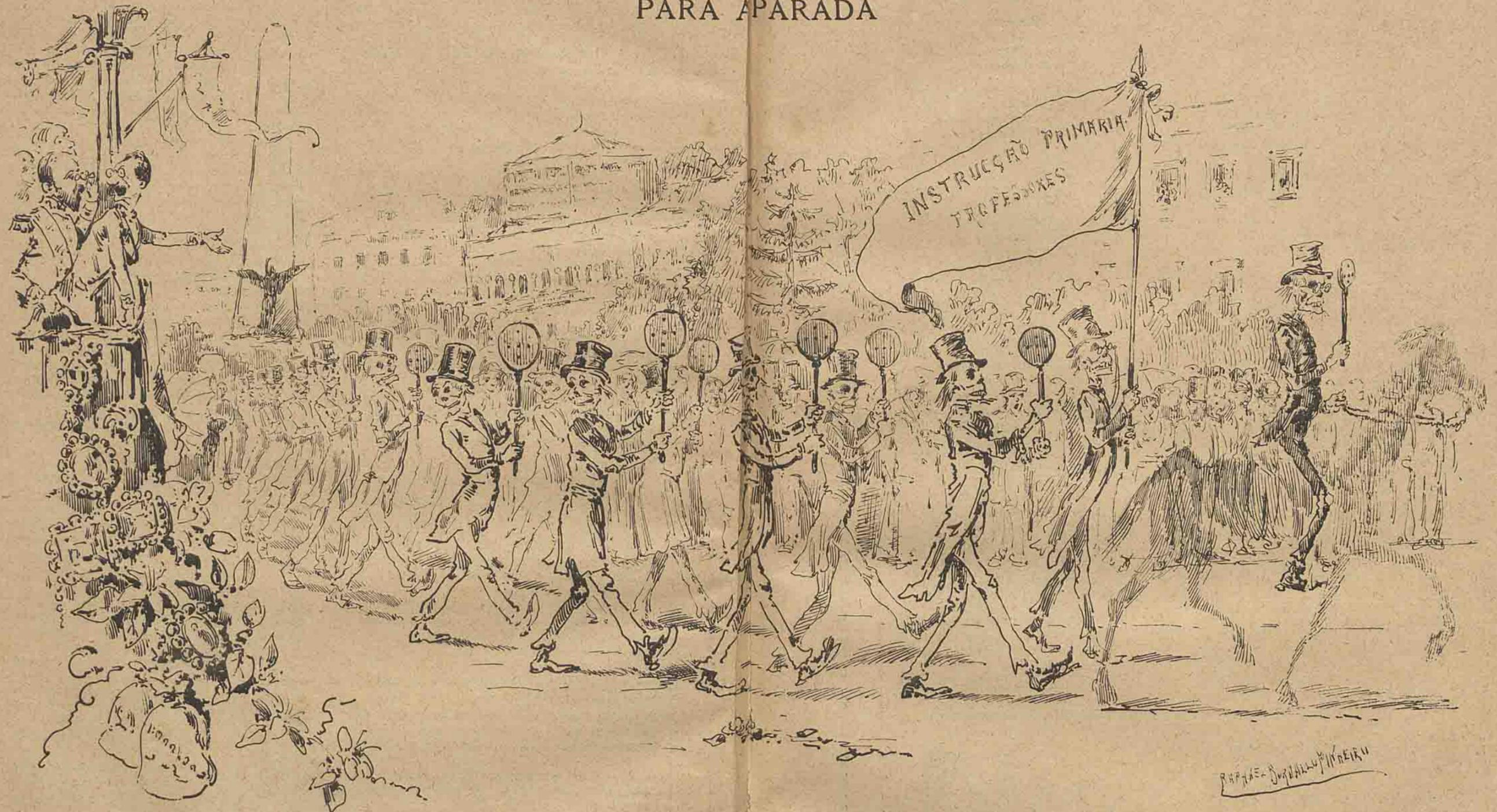
Em ultimo caso, o governo pode até nomear aquelles artistas titulares supranumerarios, com a condição de só fazerem uso do titulo quando entrarem em activo serviço nas toiradas de fidalgos.

D'esta forma, o modesto bandarilhceiro Salau, se tiver a felicidade de fazer annos em dia de toirada de fidalgos, ver-se-ha escarrapachado no *high-life* do *Illustrado*, com a seguinte espaventosa noticia:

—E' hoje o anniversario natalicio do nosso presado amigo e distinctissimo fidalgo o ex.^{mo} sr. visconde de Salau.

Sendo as entradas na toirada de fidalgos offerecidas

PARA A PARADA



Para espantar os nossos illustres hospedes — o que talvez se não consiga com a simples exhibição dos capacetes — deve apresentar-se em revista um troço de mestre-escolas, que o presidente do conselho apresentará com estas palavras: — O melhor e o mais barato dos exercitos! Come, bebe, fuma, veste, calça e educa os cidadãos por 90000 réis annuaes... pagos apenas nos annos bissextos...

gratuitamente pela comissão promotora, como succedeu no theatro de D. Maria com a primeira representação dos *Portuguezes de 1640*, um grande réceo nos assalta e uma ardentissima prece dirigimos ao Altissimo:

Deus queira que os bois não sejam do Miguel Oso-rio!...

O caso do preto encaixotado a que acima nos referimos constitue uma importante revelação que muito deve interessar ao sr. visconde de S. Januario, na sua qualidade de ministro da guerra.

Segundo as revelações do capitão do navio, o preto pretendia assassinar toda a tripulação, atirando-lhe agua e gordura a ferver, pretensão aquella que inevitavelmente realisaria se o capitão não tem tido a bella ideia de tirar o canudo do fogão, lançando agua pelo buraco para apagar o fogo.

Seja dito de passagem que esta ideia de tirar o canudo, para deitar agua para baixo, prova, de duas uma: ou que o canudo era tapado, razão porque a agua não podia passar; ou então que o tapado foi o capitão em não aproveitar o canudo como mangueira de incendios...

Seja como fór, o caso é que o preto tinha dado cabo da tripulação, composta de nove homens, servindo-lhe, como arma homicida, alguns kilogrammas de gordura de vacca.

E' precisamente sobre este ponto que nós chamamos a attenção do sr. ministro da guerra a quem cumpre, em vista de tal descoberta, reformar immediata e completamente a nossa tactica guerreira, mandando deitar ao barril do lixo todo o armamento actualmente em uso.

Como acaba de se demonstrar no caso do preto, a gordura derretida tem sobre os canhões Armstrong a mesma vantagem que estes tinham sobre as extinctas catapultas.

Os nossos soldados, armados com uma panella cheia de gordura e uma pucarinha de barro para a arremessar, poderão investir com o inimigo, na proporção de um para cada nove e na certeza de que mandam todos para os anjinhos.

Como a questão é de gordura a ferver, e quem melhor a tiver melhor as jogará, bastam-nos o Rosa Araujo e o prior da Lapa, chegados ao estado de rubro, para a completa deffeza de Lisboa e seu porto...

Um fabricante de bolaxinha já expoz á venda um novo producto da sua industria denominado: *Bolaxa Princesa d'Orleans*.

D'esse artigo, o D. Carlos, guloso,

Quatro kilos por dia despacha;

— Por enquanto não deu nó de esposo

Mas já trinca a princesa, em bolacha.

PAN-TARANTULA.



CASOS, TYPOS E COSTUMES

O RETRATO

Commendador Honorato
Vestiu a casaca um dia
P'ra tirar o seu retrato
Em bella photographia.

Um brilhante no pescoço,
Medalha de camafeus,
O grilhão d'ouro mais grosso
E o anel de vér a Deus.



A tal riqueza estupenda
Ajuntou inda bisarro
Sobre o peito uma commenda
Maior que a roda d'um carro!



—Ao vel-o, ha quem imagine,
Por tão subidos valores,
star em frente da vitrine
D'uma casa de penhores!

Eil-o, enfim, no retratista,
Co'a a mulher—anho selecto—
E um amigo—um grande artista
Que o honra co'o seu affecto.

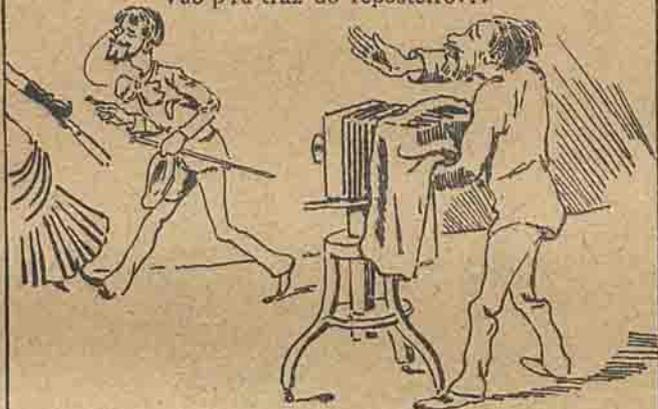


Co'o um reposteiro vermelho
E uma pilastra se cose,
Do amigo ao sabio conselho,
Na mais artistica pose.



—Vae passar, diz o photographo,
Ao meu cliché de repente,
Como no seu copiographo
Passa uma conta corrente!

—Quietinho! attenção pois,
Que isto é trabalho ligeiro...
—Vocencia, ambos de dois,
Vão p'ra traz do reposteiro...

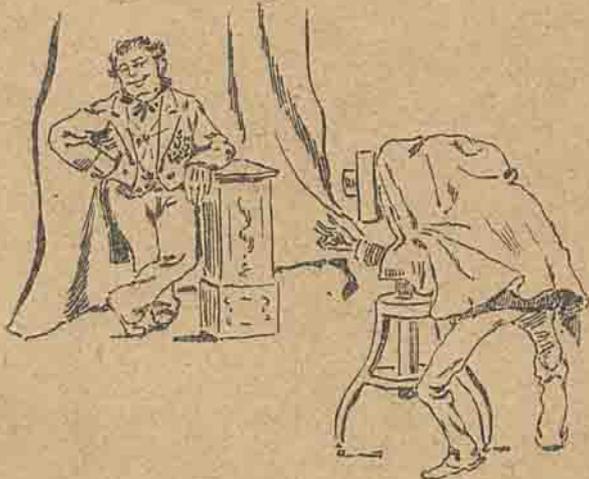


O amigo foi-se esconder
Mais a mulher d'Honorato,
—De contrario, era de vêr,
Vinham tambem no retrato.

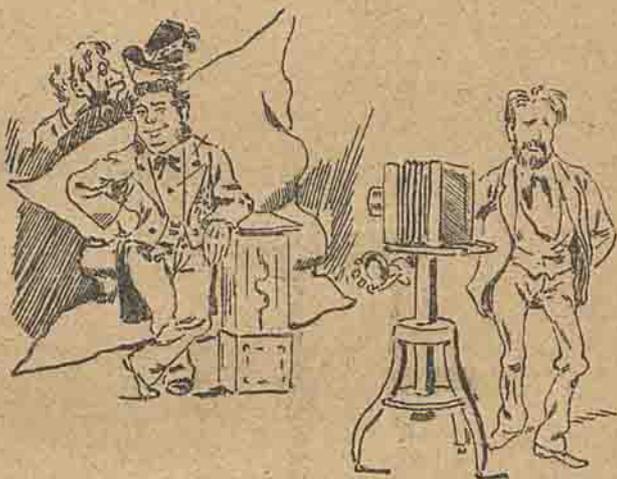
Tudo quedo... De repente
Honorato faz-se roxo...
Ouvira assim vagamente
Um som... par'cera-lhe um chôcho...



Diz-lhe o photographo;—pschiu!...
Que em posição me colloco!
Não bula. não dê nem pio,
Que se está mettendo em fóco...

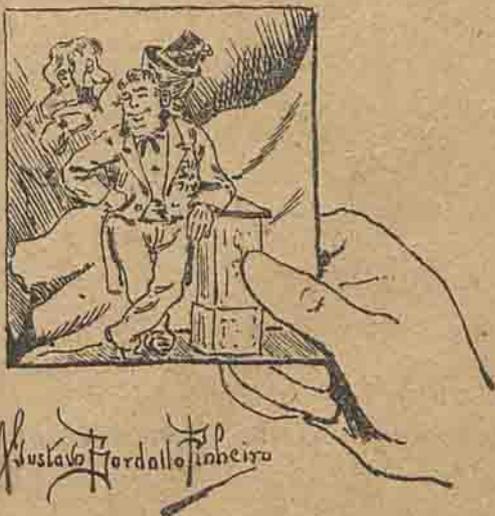


N'isto, o acáso chocalheiro,
Na mais dura indiscrição,
Quebra a guita ao reposteiro,
Prega com elle no chão!



.....
Ao vêr a prova, Honorato,
Grita de espanto:—Eu entupol...
—Em logar do seu retrato,
Era o retrato do grupo!...

PAN-TARANTULA.



DINHEIRO PELA JANELLA FÓRA



Quem se está lavando em agua de rosas é este esbanjador...